



## ARQUITETURA HOSTIL, O MURO PERVERSO E EXCLUDENTE QUE NINGUÉM VÊ

VARGAS, Bruna de<sup>1</sup>; LINCK, Ieda Márcia Donati<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto teve por objetivo apresentar o que é arquitetura hostil e discutir como ela interfere no comportamento psicológico urbano de maneira negativa, agindo como forma de segregação de pessoa menos abastadas economicamente, na sociedade. Após a escolha do tema “Arquitetura hostil”, fez-se uma busca de referências que tratassem do mesmo, cuja definição ética é necessária para aprofundar este estudo. Como resultado, faz-se necessário esclarecer o quanto pode ser agressiva a arquitetura, na medida em que ela influencia negativamente no comportamento urbano quando o espaço é planejado de forma a atender somente aos interesses do mercado e da cultura de consumo. Hostilizando e excluindo as pessoas que não seguem e não se encaixam nos padrões “impostos” por esse sistema, essa forma de arquitetura segrega quando impede que pessoas de baixa ou nenhuma renda, aproveitem o espaço urbano de forma justa e igualitária, não colocando somente uma barreira física, mas também psicológica na frente de uma parte da população. Jane Jacobs (2000), já nos alertava quando em seu livro, *Morte e Vida de Grandes Cidades*, escreveu que os shopping centers monopolistas e os monumentais centros culturais, com o espalhamento das relações públicas, encobrem a exclusão do comércio – e também da cultura - da vida íntima e cotidiana das cidades. Hoje, essa exclusão é bem exemplificada quando nos deparamos com superfícies inclinadas de bancos, aplicação de tachas em parapeitos de janelas e vitrines, colocados ali para impedir que aquele espaço seja ocupado por mendigos, processo estratégico de gentrificação e regeneração urbana. Por meio do Jogo de aparências dos seres e das coisas, minuciosamente planejado, rouba-se do cidadão, de forma lenta e sutil, sem a sua participação e consciência, a capacidade de reflexão diante da evolução da vida das cidades. Isso ocorre ao emergi-lo em um sistema frenético de consumo multifacetado de produtos diversos que parecem robotizar as necessidades individuais, pela conjugação de forças dos poderes econômico e político, com o conseqüente desincentivo à estrutura de segurança pública (HONORATO, 1999). Para se sentirem seguras, algumas pessoas criam fantasmas, simbolizam problemas e nunca se sentirão seguras independentemente das circunstâncias reais (JACOBS, 2000). É errado julgar e “empurrar para fora” do espaço urbano pessoas mendigas e que não se encaixam em um sistema cada vez mais excludente e injusto, para satisfazer essa falsa ilusão de segurança pública, baseada em aparência e superficialidade. Ainda são necessárias as palavras de Jacobs (2000) quando, ainda em 1961, afirmava que “Talvez tenhamos nos tornado um povo tão displicente, que não mais nos importamos com o real funcionamento das coisas, mas apenas com a impressão exterior superficial, imediata e fácil que elas transmitem. Se for assim, há pouca esperança para as nossas cidades e provavelmente para muitas coisas mais em nossa sociedade” (p. 49). Discussões como essa são de grande relevância, pois os problemas não são os shoppings centers ou o comércio, mas, sim, a forma como as pessoas estão sendo tratadas, divididas entre ter ou não acesso, em poder ou não poder consumir. A cidade deve ser bonita sim, mas, acima de tudo humana, para que possamos usufruir do espaço de forma justa e evoluir com ele. Nós, não mais, nem menos Humanos, ainda sonhamos em poder comparar a cidade a uma obra de arte.

**Palavras chave:** Cidade. Espaço. Consumo. Comportamento.

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unicruz. Email: bru.vaargas@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente da Unicruz. Doutora em Linguística UFSM/UA – Portugal. Mestre em Educação/Uninorte. Mestre em Linguística pela UPF. Membro do GEL e NEEPS. Coordenadora Proenem. Email: imdlinck@gmail.com